



O Cadeirão da quinta do Pé do Coelho e o Penedo dos Mouros: primeira interpretação como santuários rupestres

Catarina Maria Guerra Tente
Sandra Clara Alves Lourenço

Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, pp. 775-792

1. Introdução

A Quinta do Pé do Coelho e o Penedo dos Mouros são duas estações arqueológicas inventariadas na sequência do Levantamento Arqueológico do Concelho de Gouveia, iniciado no Verão de 1993. O Penedo dos Mouros mereceu uma referência na *Arqueologia da Serra da Estrela*, da autoria de Jorge de Alarcão (1993).

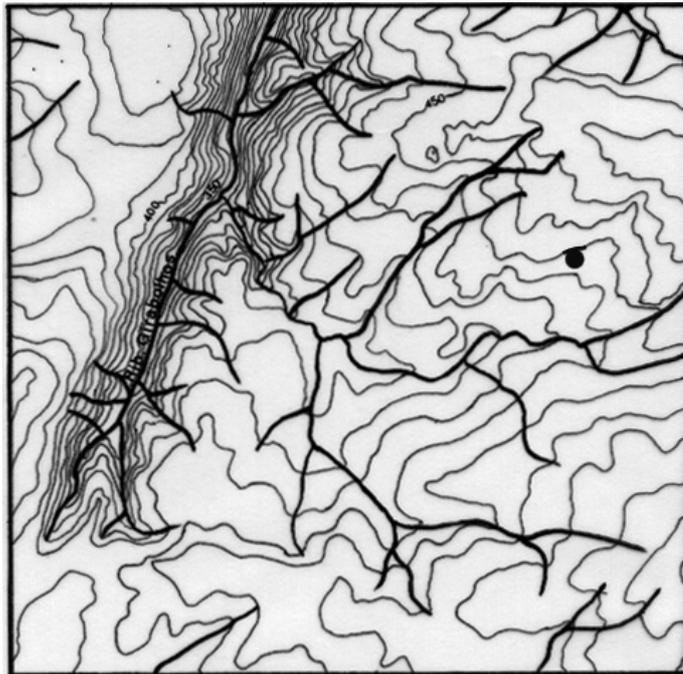


Fig. 1- Implantação da Quinta do Pé do Coelho (escala 1: 25 000)

Actualmente as signatárias são responsáveis por um projecto de investigação que visa o estudo destes dois sítios, e que tem como objectivo primordial a caracterização destes santuários rupestres a nível tipológico e da cultura material que lhes está associada.

O sítio arqueológico da Quinta do Pé do Coelho localiza-se na freguesia de Vila Nova de Tázem, concelho de Gouveia, distrito da Guarda. A sua localização geográfica é de 23560/3929 GAUSS da CMP 1:25 000 fl. nº 201, a uma altitude de 460m. Está implantado numa pequena rechã que domina parte do vale da Ribeira de Girabolhos. A nível geológico integra-se no complexo granítico, variante granito profiroíde de grão médio (TEIXEIRA, 1967).

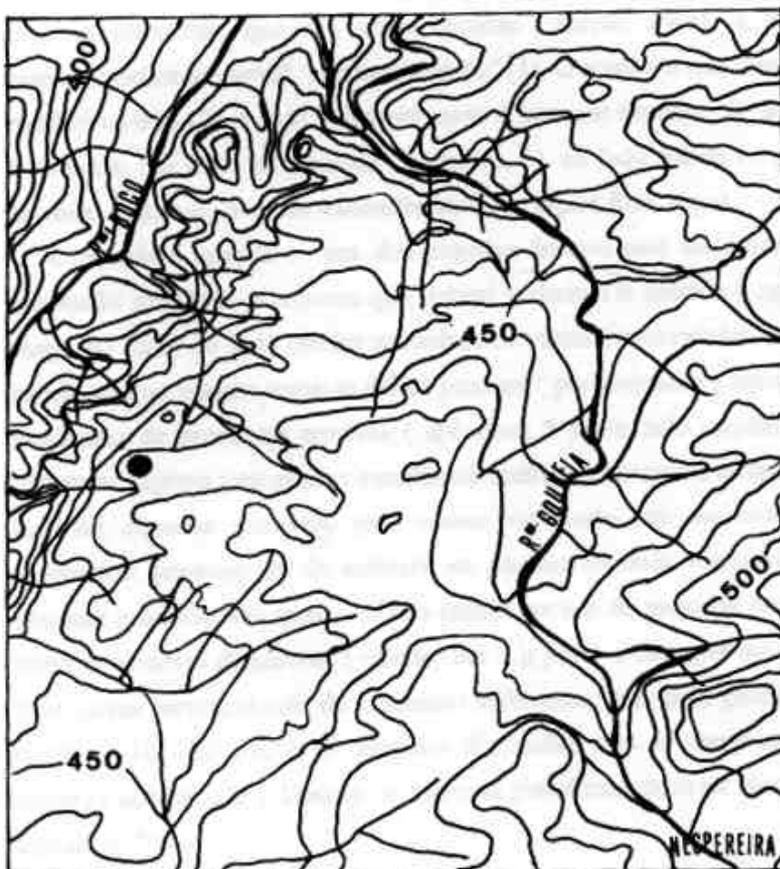


Fig.2- Implantação do Penedo dos Mouros (escala 1 :25 000)

Localizado na freguesia do Arcozelo, concelho de Gouveia, o Penedo dos Mouros domina a Noroeste o vale da Ribeira do Boco, afluente da Ribeira de Gouveia, e para Sudeste a Serra da Estrela. Localiza-se a uma altitude de 456m com as seguintes coordenadas 24295/39545 GAUSS, da CMP 1:25 000 fl. nº 201. Do ponto de vista geológico insere-se numa área onde predomina o granito profiroíde de grão grosseiro ou por vezes de grão grosseiro a médio (IDEM, 1967).

2. Quinta do Pé do Coelho

2.1. Descrição

Este sítio arqueológico é composto por dois cadeirões, um deles, que não se encontra *in situ*, caracteriza-se por um bloco granítico solto onde foi esculpida uma cadeira, contudo ainda não foi possível identificar o local onde foi implantado originalmente. O outro encontra-se no local original, já que se tratam de estruturas escavadas num exíguo afloramento granítico, compostas por uma pia sub-triangular esculpida no primeiro degrau, localizado ao nível do solo, mais três degraus que dão acesso a um cadeirão escavado no topo, em que na zona de apoio às costas foi cavada uma segunda pia de reduzida profundidade onde se encontra um pequeno buraco com cerca de 8 cm de diâmetro.

2.2. Trabalhos Arqueológicos

No final do Verão do ano transacto foram aí realizados trabalhos de escavação, os que se desenvolveram no espaço que rodeia o cadeirão, abrangendo uma área total de 23m². Actualmente este local encontra-se integrado num quintal de uma casa particular e tal como se identificou na escavação, os dois primeiros níveis estratigráficos são resultado de revolvimentos agrícolas. Os únicos níveis preservados encontram-se a sobrepor o afloramento granítico, e num deles, localizado na parte a Norte do cadeirão, foram exumados os únicos materiais arqueológicos (localizados todos eles numa área de 1m² a cerca de 2 metros de distância da base do cadeirão).

2.3. Os materiais arqueológicos

O espólio exumado na intervenção levada a cabo em 1998 é bastante pobre e portanto não permite, infelizmente, grandes considerações cronológico-culturais. Contudo, a área de escavação ir-se-á alargar neste ano para Norte e Este da zona já intervencionada, por serem estas as áreas mais bem conservadas a nível estratigráfico, e talvez então possamos tecer mais algumas considerações.

O espólio é constituído por quatro fragmentos de cerâmica:

1. Dois fragmentos de bordo exvertido e espessado exteriormente de perfil em S, feita a torno. Apresenta uma pasta castanha-acinzentada com poucos elementos não plásticos de reduzida dimensão (mica e quartzo); a cozedura é redutora e as superfícies apresentam vestígios de engobe negro.
2. Fragmento de bordo direito e lábio plano pertencente a uma taça feita a torno. Apresenta uma pasta castanha-acinzentada com poucos elementos não plásticos de reduzida dimensão (mica e quartzo); a cozedura é redutora. Na zona imediatamente abaixo da linha de bordo foi incisa uma linha.
3. Fragmento de bojo de peça feita a torno com pasta castanha clara com poucos elementos não plásticos de reduzida dimensão (mica e quartzo); a cozedura é oxidante.

2.3. Análise interpretativa

A hipótese da funcionalidade deste sítio arqueológico que por agora se nos apresenta como a mais provável, é a do lugar ter sido utilizado como espaço sagrado. Contudo, o tipo de entidade que aqui seria cultuado não pode ser ainda pressuposto ou muito menos identificado através dos dados até agora obtidos.

Apesar de não existirem paralelos tipológicos na área em estudo, encontramos na província de Zamora e Salamanca dois paralelos, respectivamente, no santuário de S.Mamede, Villardiega de la Ribera -Vale do Douro, e no santuário de Teso de San Cristóbal, Villarino de Los Aires- Vale do Tormes (BENITO DEL REY e GRANDE DEL RIO, 1992, pp. 60 e 73), todavia os autores não apresentam soluções em termos cronológicos, o que não nos permite estabelecer cronologias para este local.

No entanto, conhece-se no mesmo concelho, na freguesia de Nespereira, um conjunto de sete cadeiras esculpidas num afloramento granítico sem que se registre

associações a pias ou degraus. Este local é denominado pela população de Tribunal (nome que deixa antever um local de reunião aliás, semelhante denominação é dado ao Penedo dos Mouros por alguns habitantes locais) e foi intervencionada nos anos 60 por Castro Nunes, mas cujos materiais exumados nunca foram publicados.

Tal como a tipologia do santuário também o conjunto do espólio recolhido padece do mesmo problema cronológico, podendo apenas salientar-se que todos os fragmentos cerâmicos são de tecnologia a torno; que dois deles, pertencentes a uma mesma peça apresentam um engobe negro e um perfil em S; e que o conjunto é constituído por peças de reduzida dimensão que se podem integrar na categoria da cerâmica finas. Se o espólio que se irá exumar nos próximos trabalhos apresentar características semelhantes então esse conjunto é claramente compatível com a prática de rituais religiosos que se realizariam neste sítio.

3. Penedo dos Mouros

3.1. Descrição

A estação arqueológica do Penedo dos Mouros caracteriza-se por um monumental conjunto de penedos graníticos onde foram esculpidas diversas estruturas das quais se destacam os degraus, os sulcos, os entalhes, as pias, e algumas gravuras como as “cavinhas”, os reticulados e uma linha ondulante de aspecto serpentiforme.

O conjunto tem dimensões de cerca de 30m de comprimento por 15 de largura e a sua altura oscila entre os 6 metros do lado Norte, cerca de 10m do lado Sul e 15m a Oeste. As dimensões que aqui se apresentam são aproximadas, já que ainda não foi possível realizar um levantamento do conjunto, prevendo-se, efectua-lo no âmbito deste projecto.

Actualmente o único acesso ao topo dos afloramentos faz-se pelo lado Norte, por entre os penedos, não sendo de qualquer forma um acesso fácil. A entrada é estreita e os penedos que a ladeia têm esculpidos sulcos e entalhes, dando ideia de ter suportado algum tipo de estrutura perecível, que poderia cobrir esta zona e até mesmo vedar a entrada. Associada a esta cobertura/piso estaria uma outra que lhe é sobreposta dando a ideia de um espaço fechado intermédio (entre o nível do chão e o topo dos penedos). Nesta zona de acesso encontra-se ao nível do chão esculpida uma pia

redonda. Ao chegar ao topo deparamo-nos com o primeiro conjunto de quatro degraus, que dão acesso a uma plataforma rebaixada onde foi gravado uma espécie de serpentiforme, do lado contrário encontram-se dois reticulados. Como não se trata de um único bloco rochoso, as estruturas estão divididas essencialmente por três grandes penedos, e tendo em atenção que a sua altura é elevada e a passagem de uns para os outros é difícil e perigosa, é provável que existissem estruturas perecíveis que facilitassem a passagem para o lado oriental, até porque existem degraus e entalhes no rebordo dos penedos, à semelhança do que parece ter acontecido no Castelo do Mau Vizinho (SANTOS JUNIOR, 1982, p.389). Nos penedos mais a oriente são ainda visíveis conjuntos de “covinhas”.

A parte central do conjunto é constituída por dois blocos, nos quais, num foi escavado um buraco/pia redonda com cerca de 10cm de diâmetro e no outro uma sepultura antropomórfica que deve ter sido esculpida, em época posterior às restantes estruturas, aproveitando uma plataforma que dá acesso ao maior núcleo de degraus (no número de nove). É de salientar que este conjunto de degraus termina numa vertente íngreme, sem acesso a qualquer zona transitável. Este facto sugere a hipótese interpretativa da escada estar associada a uma grandiosa estrutura, perecível ou não, relembramos que a altura deste penedo é de cerca de 10m.

3.2. Os materiais arqueológicos

O local ainda não foi intervencionado, a sua escavação iniciar-se-á no corrente ano. Contudo, foram recolhidos à superfície, no ano transacto, um conjunto de: 30 fragmentos cerâmicos, escórias de ferro e barro cozido, do lado Sul do conjunto de penedos. Apresentamos seguidamente o espólio cerâmico:

1. Fragmento de asa de fita de recipiente feito a torno, com uma pasta cinzenta esbranquiçada com elementos não plásticos de média e grande dimensão (quartzo e mica) e cozedura redutora.
2. Dois fragmento de bordo espessado externamente pertencentes a um recipiente feito a torno. A pasta apresenta uma cor castanha clara com elementos não plásticos de média e grande dimensão (quartzo e mica), de cozedura redutora. A superfície exterior foi decorada com linha ondulada incisa.

3. Um fragmento de bojo com ausência de vestígios de utilização do torno, possui pasta grosseira de cor acinzentada clara com muitos elementos não plásticos de média e grande dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora. A superfície exterior foi decorada com linha ondulada incisa.
4. Fragmento de base plana com ausência de vestígios de utilização do torno, possui pasta de cor acinzentada com poucos elementos não plásticos de reduzida dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora. Apresenta um alisamento na superfície externa.
5. Fragmento de base plana com vestígios de utilização do torno, possui uma pasta grosseira de cor castanha-acinzentada com elementos não plásticos de média dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora e a superfície externa foi alisada.
6. Fragmento de bojo com cordão plástico, feito a torno, possuindo uma pasta grosseira de cor castanha com muitos elementos não plásticos de reduzida dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora.
7. Fragmento de bojo com cordão plástico mamilado que não apresenta vestígios de utilização de torno, a sua pasta é grosseira de cor castanha com elementos não plásticos de média dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora.
8. Fragmento de bojo decorado com quatro linhas paralelas incisadas pertencentes a um recipiente feito a torno. A sua pasta é cinzenta escura com poucos elementos não plásticos de reduzida dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora e possui um alisamento exterior.
9. Fragmento de bojo pertencente a um colo de recipiente decorado com estampilhas a pente. Apresenta vestígios de torno e tem uma pasta de cor castanha com elementos não plásticos de média dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora /oxidante e apresenta uma superfície interna mal acabada.
10. Fragmento de bojo com cordão e decoração incisa pertencente a um recipiente feito a torno, apresenta pasta de cor cinzenta esbranquiçada com elementos não plásticos de reduzida dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora.
11. Fragmento de bojo com decoração de linha ondulada incisa de fabrico manual, apresenta uma pasta castanha acinzentada com poucos elementos não plásticos de

reduzida dimensão (mica e feldspatos), a cozedura é redutora e possui um alisamento na superfície externa.

12. Fragmento de bojo que apresenta uma decoração de linhas verticais incisadas na superfície interna e não apresenta vestígios de uso do torno. A sua pasta é de cor castanha escura com elementos não plásticos de média dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora /oxidante.
13. Fragmento de colo estrangulado de recipiente feito a torno que apresenta uma pasta grosseira de cor cinzenta clara com elementos não plásticos de média dimensão (quartzo), a cozedura é redutora.
14. Fragmento de bojo com canelura pertencente a um recipiente feito a torno de pasta castanha clara com elementos não plásticos de reduzida e média dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora.
15. Fragmento de bordo espessado exteriormente pertencente a uma taça feita a torno. Apresenta uma pasta grosseira de cor castanho escuro com elementos não plásticos de média dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora.
16. Fragmento de bordo espessado exteriormente pertencente a um pote feito a torno de pasta grosseira de cor castanha com elementos não plásticos de média e grande dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora.
17. Fragmento de bojo com decoração de linhas paralelas incisadas pertencente a um recipiente feito a torno de pasta castanha acinzentada com poucos elementos não plásticos de reduzida dimensão (mica), a cozedura é redutora.
18. Fragmento de bordo exvertido pertencente a uma taça feita a torno de pasta castanha acinzentada com elementos não plásticos de reduzida e média dimensão (mica), a cozedura é redutora.
19. Fragmento de bordo exvertido pertencente a um recipiente feito a torno de pasta castanha com poucos elementos não plásticos de reduzida dimensão (mica), a cozedura é redutora.
20. Fragmento de bordo exvertido com linha incisada junto ao bordo, pertencente a um recipiente feito a torno, possui uma de pasta castanha escura com poucos

elementos não plásticos de reduzida dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora.

21. Fragmento manual de base plana de pasta grosseira de cor castanha acinzentada com elementos não plásticos de reduzida e média dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora e possui um alisamento na superfície externa.
22. Fragmento de base plana com ausência de vestígios de torno, possui uma de pasta grosseira cor cinzenta esbranquiçada com elementos não plásticos de reduzida e média dimensão (quartzo, mica e feldspatos), a cozedura é redutora.
23. Fragmento de base plana com vestígios de utilização do torno, com pasta grosseira de cor castanha escura com muitos elementos não plásticos de reduzida e média dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora.
24. Fragmento de bordo de taça com lábio aplanado, com vestígios de uso de torno, possui uma pasta cinzenta escura com elementos não plásticos de reduzida e média dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora.
25. Fragmento de bojo com linha incisa, feito a torno, que apresenta uma pasta castanha clara com poucos elementos não plásticos de reduzida dimensão (quartzo e mica), cozedura redutora.
26. Fragmento de bojo com linha incisa, de fabrico a torno, que apresenta uma pasta castanha escura com muitos elementos não plásticos de reduzida dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora.
27. Fragmento manual de carena, com uma pasta grosseira de cor castanha com elementos não plásticos de reduzida e média dimensão (quartzo e mica), a cozedura é redutora e a superfície interna apresenta um alisamento.
28. Fragmento de bordo redondo pertencente a uma tacinha decorada com quatro linhas incisadas, de fabrico manual. A sua pasta é de cor alaranjada com muitos elementos não plásticos de reduzida dimensão (quartzo), a cozedura é oxidante.
29. Fragmento de bojo com decoração incisa feito a torno, com pasta alaranjada com poucos elementos não plásticos de reduzida dimensão (quartzo e mica), a cozedura é oxidante.

30. Fragmento de bojo feito a torno, com pasta depurada de cor cinzenta clara com poucos elementos não plásticos de reduzida dimensão (quartzo e mica) e cozedura redutora.

Trata-se de um conjunto composto por quinze fragmentos cerâmicos decorados e quinze fragmentos não decorados. Nos decorados cinco são de fabrico manual e entre os não decorados doze são feitos a torno. Nas decorações dominam as linhas incisadas, na sua maioria paralelas ao bordo, mas registam-se igualmente as linhas onduladas, os cordões plásticos (infelizmente muito danificados), um dos quais mamilado e uma incisão a pente feita num recipiente a torno. Neste pequeno conjunto o tipo de decoração não é exclusivo de uma técnica de fabrico, registando-se, por exemplo cordões plásticos em cerâmicas a torno ou manuais e o mesmo se verifica para as linhas incisadas.

Este conjunto cerâmico não tem por enquanto paralelos na região onde foram encontrados, uma vez que se trata de uma zona pouco estudada neste âmbito, contudo identificam-se algumas semelhanças com espólios de povoados da Idade do Ferro da Meseta, do Nordeste Alentejano e no Vale do Douro, nomeadamente em cerâmicas do povoado de El Soto de Medinilla (nível I, III e IV da campanha de 1988) datadas dos séculos IV a II a.C. (ESCUADERO NAVARRO, 1995).

Julgamos importante salientar que no local não foi, até ao momento, identificado espólio que se enquadre no período romano. No entanto, identificou-se algumas cerâmicas medievais que devem estar associadas à ocupação medieval do local, documentada na sepultura antropomórfica escavada na rocha. O conjunto cerâmico que aqui se apresenta, dado que se trata de uma recolha de superfície, não permite precisar cronologias, porém em *grosso modo* sugere que a fundação do sítio se baliza entre o fim da Idade do Bronze e o início da ocupação romana, e que em época medieval tenha tido nova ocupação. Talvez os trabalhos de escavação poderão então clarificar estas questões.

3.3. Análise interpretativa

Como foi referido anteriormente a maioria das estruturas escavadas nos blocos graníticos do Penedo dos Mouros só ganham sentido coerente ao serem

associadas a estruturas percíveis ou pétreas. Os sulcos e entalhes devem ter feito parte de um conjunto que pode ter tido o objectivo de criar um ambiente ctónico, à semelhança do que foi sugerido para a Rocha da Mina –Alandroal (CALADO, no prelo).

O Penedo dos Mouros apresenta uma complexidade de estruturas que difere da organização de alguns santuários como o da Pia dos Mouros (Valpaços) ou Panóias (Vila Real) que possuem elementos que aqui estão ausentes, como as pias rectangulares. A disposição dos elementos estruturais (pias e degraus) também difere, na medida em que no Penedo dos Mouros existe apenas uma pia redonda de pequenas dimensões na zona de acesso ao topo e os conjuntos de degraus não lhe estão directamente associados. No caso da sepultura levanta-se a questão colocada por Alarcão “terá esta sido cavada no lugar de alguma pia anterior que tenha sido lugar sagrado? E dariam os degraus acesso a essa pia?” (ALARCÃO, 1993, p. 26). Se assim fosse teríamos uma outra pia e uma associação directa com os degraus. Tal como no Castelo do Mau Vizinho (Chaves), o acesso ao topo é difícil, diferindo dos dois santuários anteriormente mencionados.

A análise de implantação dos santuários pré-romanos, permite verificar que estes se implantam preferencialmente nas massas rochosas situadas, em zonas com certo domínio da paisagem, à beira de cursos de água e/ou junto a montes, são exemplos os santuários de Vilar de Perdizes, Castelo do Mau Vizinho, Rocha da Mina e inúmeros outros localizados na província de Zamora e Salamanca, citados por Benito Del Rey e Grande Del Brio (1992). Também o Penedo dos Mouros domina uma vasta área de paisagem em todos os quadrantes, destaca-se, a Norte, o domínio do vale da Ribeira de Boco, e a Sudeste, os montes da Serra da Estrela. A visão que do local se tem da serra permite sugerir uma possível hipótese para o tipo de entidade aqui cultuada. Vasconcelos afirmava que os montes “deviam impressionar muito a imaginação dos antigos” (VASCONCELOS, 1905, p.103), e vários outros autores associam cultos pré-romanos a povoados, rios e serras. Um desses cultos parece estar atestado no caso da serra do Larouco, assim sendo, não seria pois de estranhar que aqui se cultuasse uma entidade relacionada com a serra. Todavia, trata-se de uma mera hipótese pois não se conhecem nesta área inscrições de época romana que comprovem

esta associação, apenas se regista um teónimo indígena –S.A.L.Q.I.V.– patente numa ara encontrada na capela de Nossa Senhora da Alegria em Gouveia, cuja proveniência original é desconhecida (GARCIA, 1991, p.347). Porém é impossível estabelecer uma relação directa entre esta ara e o Penedo dos Mouros, relembramos que até ao momento não foi aqui identificado espólio romano.

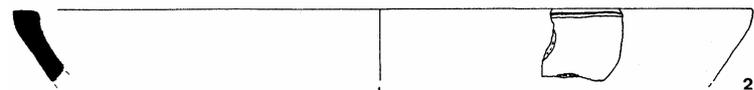
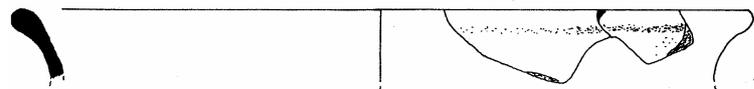
Concluindo... a interpretação que por agora nos parece mais viável é a de o Penedo dos Mouros reunir todas as características que permitem integrá-lo na categoria dos santuários pré-romanos. A ele poderá estar associado ou não um povoado, questão que só os futuros trabalhos poderão responder. A sua fundação, a avaliar pelo espólio recolhido, enquadra-se entre o fim da Idade do Bronze e o início da ocupação romana. A existência da sepultura antropomórfica no topo do Penedo dos Mouros e a presença de algumas cerâmicas medievais deverá ser associada à perpetuação no tempo de espaços relacionados com o sagrado.



casadesarmento

centro de estudos do património

Estampa 1- Cerâmicas da Quinta do Pé do Coelho

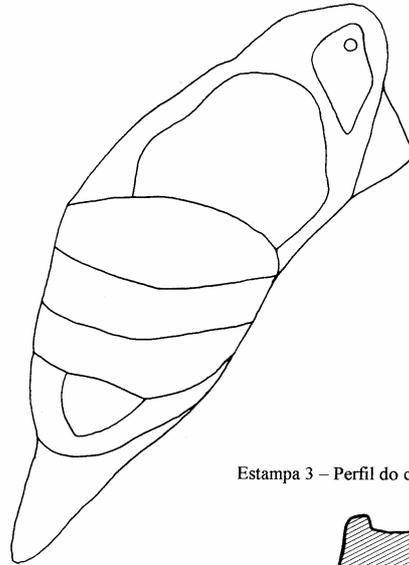




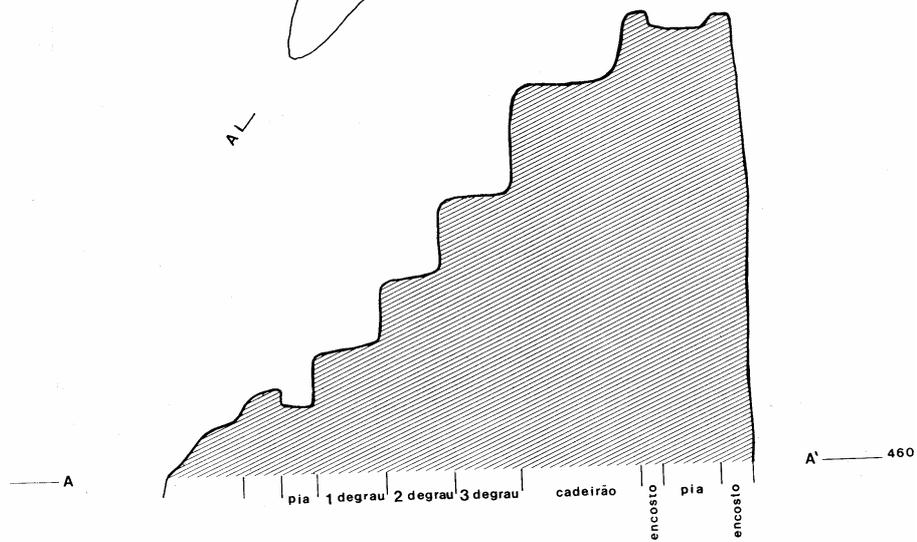
casadesarmento

centro de estudos do património

Estampa 2- Planta do cadeirão



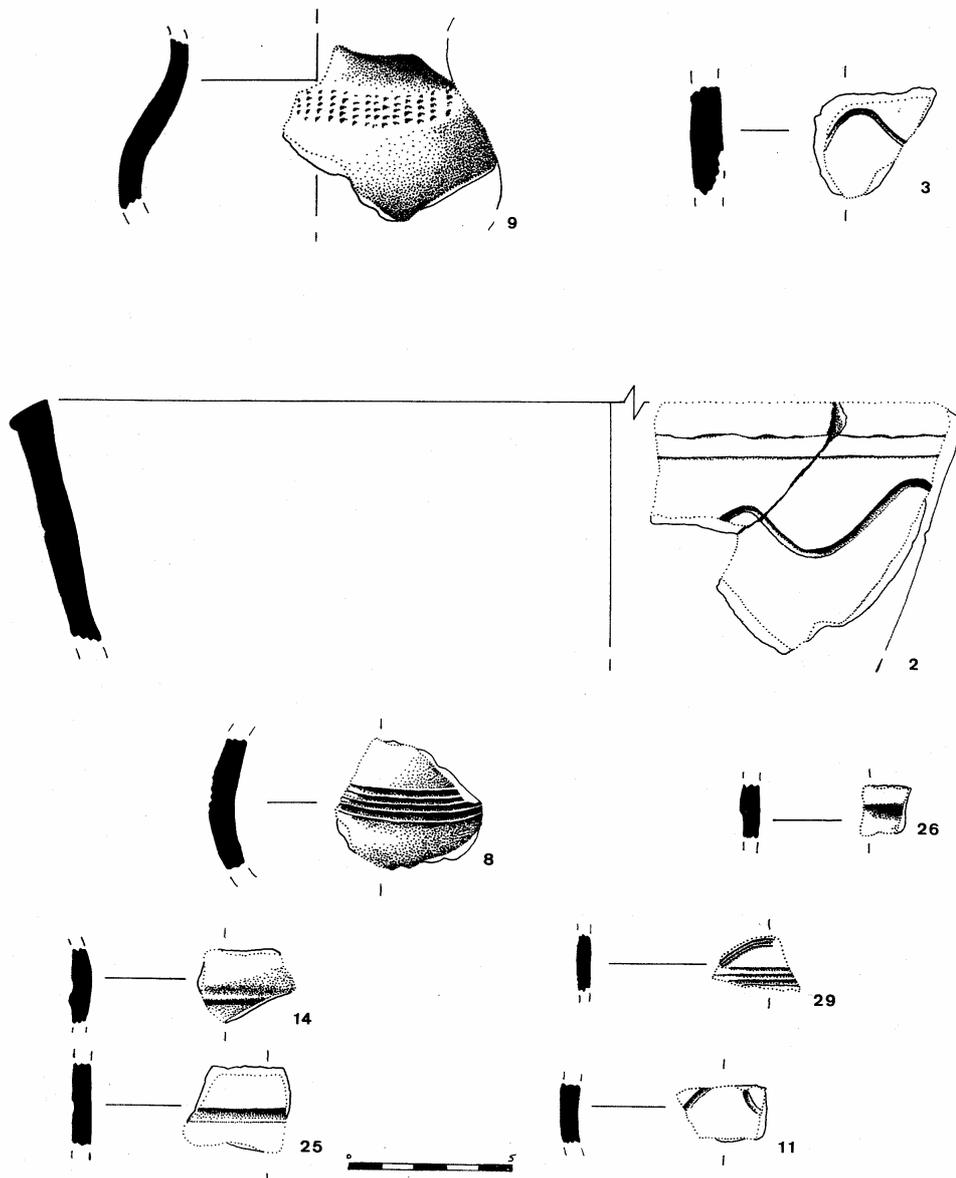
Estampa 3 – Perfil do cadeirão



ESCALA 1:20



Estampa 4 – Cerâmicas do Penedo dos Mouros

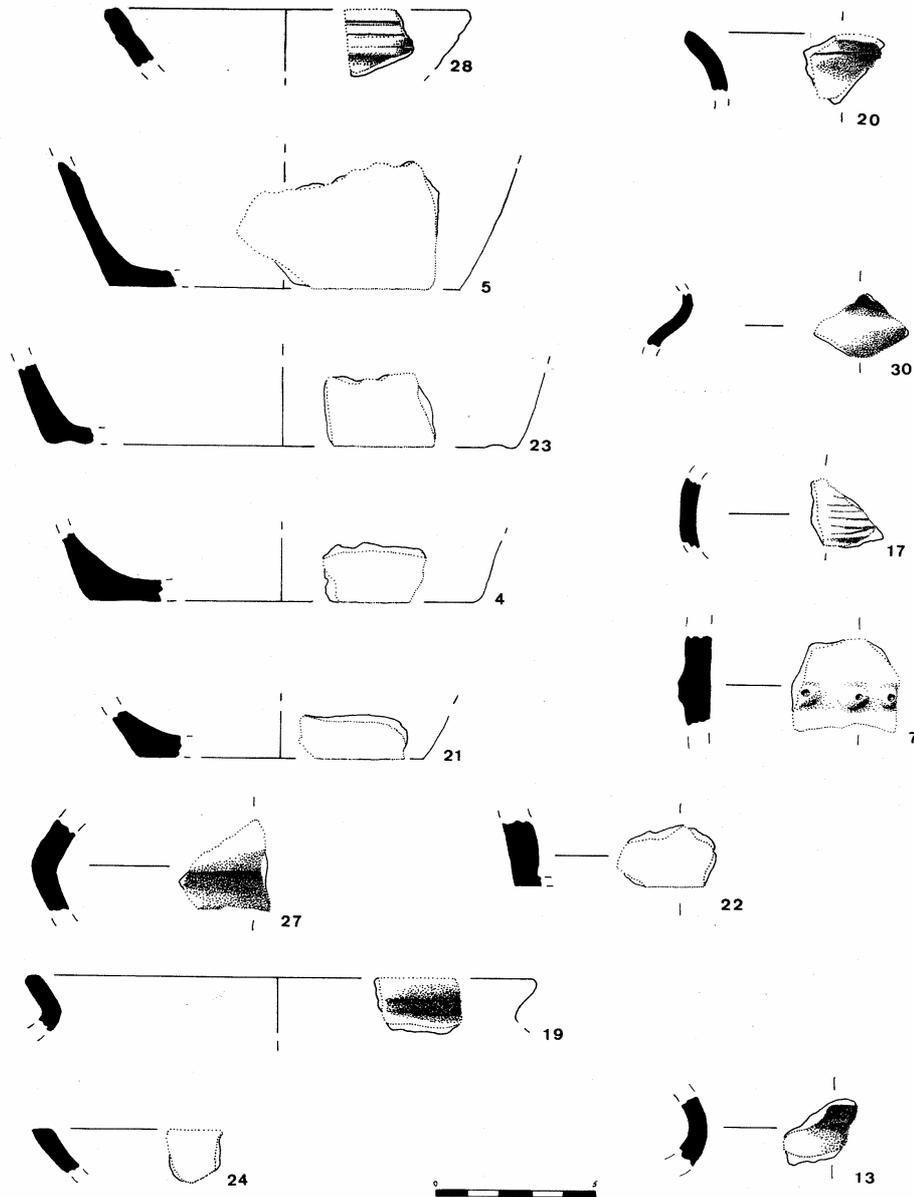




casadesarmento

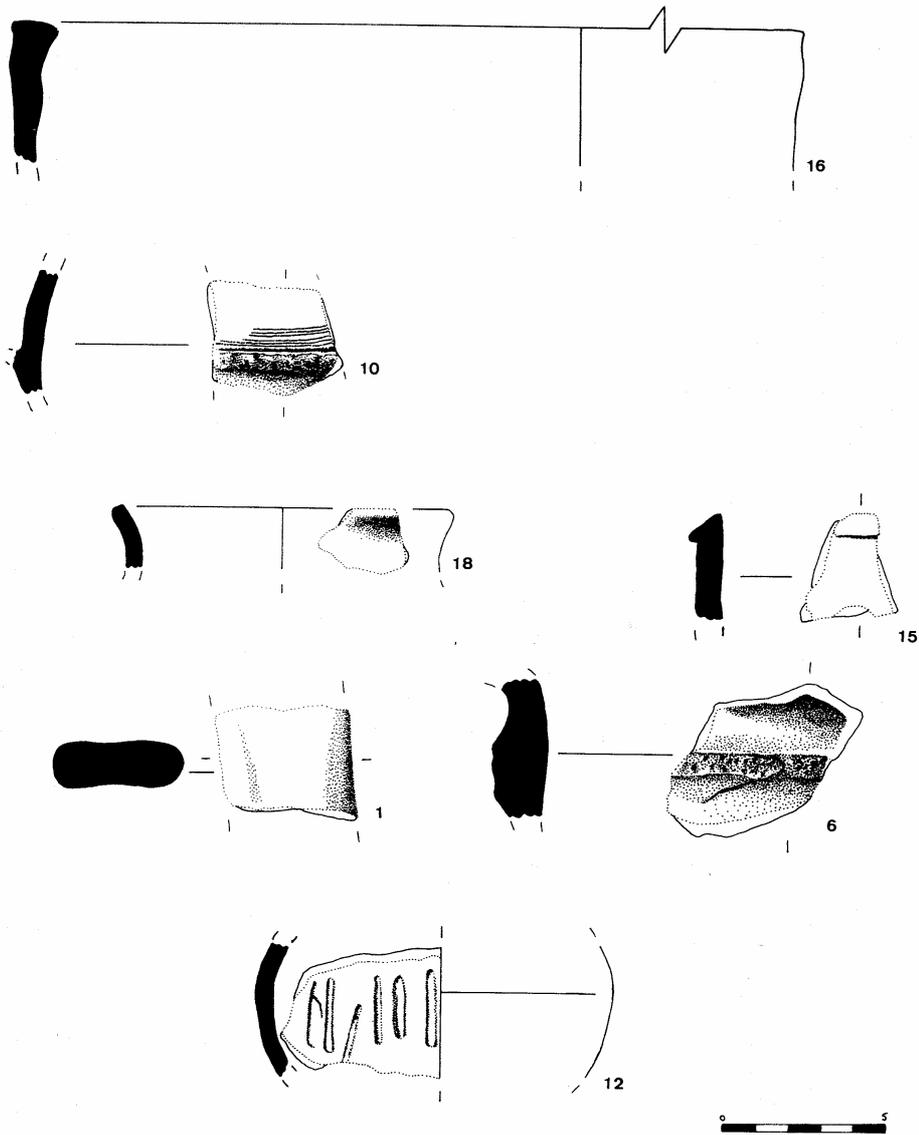
centro de estudos do património

Estampa 5 – Cerâmicas do Penedo dos Mouros





Estampa 6- Cerâmicas do Penedo dos Mouros



Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de (1988)

“A religião”, in: Domínio Romano em Portugal, Europa-América, pp. 153-181.

IDEM (1993)

A arqueologia da Serra da Estrela, Manteigas, Parque Natural da Serra da Estrela.

ALARCÃO, J. e CORREIA, H. V. (1994)

“Cerâmicas comuns da Idade do Ferro de Conímbriga”, in: Idade do Ferro. Catálogo, Figueira da Foz, Museu Municipal Dr. Santos Rocha”, pp. 99-102.

ALARCÃO, Jorge (1996)

“O primeiro milénio a.C.”, in: De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C., Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 15-30.

ALMAGRO-GORBEA, Martin (1973)

El Bronce Final y el Inicio de la Edad del Hierro en Meseta Sur, Madrid.

ALMAGRO-GORBEA, M. E ALVAREZ-SHANHÍS (1993)

“La sauna de Ulaca: saunas y baños iniciáticos en el mundo céltico”, in: Cadernos de Arqueologia de la Universidad de Navarra, Navarra.

ALMAGRO- GORBEA, M. e MONEO, T. (1995)

“Un posible abrigo-santuário en Meca (Ayora, Valencia)”, in: Verdolay. Revista del Museu de Murcia, 7, Murcia, pp. 251-259.

ARNAUD, J. e GAMITO, T. J. (1974-1977)

“Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal (Cabeça de Vaimonte, Monforte)”, in: O Arqueólogo Português, Lisboa, pp. 165-202.

BARRIAI, José Orlando (1990)

“El ritual de sacrificio en el Mundo Ibérico Catalã”, in: Zephyrus, 43, Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 243-249.

BENITO, Luis e GRANDE, Ramón (1992)

Santuarios rupestres prehistóricos en las provincias de Zamora y Salamanca, Zamora-Salamanca, Iberdrola.

BERROCAL RANGEL, L. (1992)

Los Pueblos Celticos del Suroeste de la Peninsula Iberica, Madrid, Editorial Complutense, pp. 93-118.

IDEM (1994)

El altar prerromano de Capote, Madrid, Autónoma.

BETTENCOURT, Ana M. S. (1994)

“A transição do Bronze Final/Ferro Inicial no povoado de S. Julião- Vila Verde: Algumas considerações”, in: Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 34 (3-4), Porto, SPAE, pp. 167-184.

BLAZQUEZ, J. M. (1970)

“Culto al Toro y culto a Marte en Lusitania”, in: Actas e memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, vol. III, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, pp. 147-153.

IDEM (1990)

“La religión de los Pueblos de la Hispania Prerromana”, in: Zephyrus, 43, Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 223-235.

IDEM (1991)

Religiones en la España Antigua, Madrid, Catedra.

IDEM (1992)

“Recientes aportaciones a las religiones prerromanas de Hispania”, in: Gerión, 10, Madrid, Editorial Complutense, pp. 193-203.

BRUNET, Teresa Chapa (1990)

“Algunas consideraciones sobre el estudio de los santuários ibéricos” in: Zephyrus, 43, Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 249-253.

CALADO, Manuel (1993)

Carta Arqueológica do Alandroal, Alandroal, Câmara Municipal do Alandroal.

IDEM (no prelo)

“Endovelico e a Rocha da Mina: o contexto arqueológico”, Ophiusa, 1.

CARDOSO, J. L. (1995)

“O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio”, in: Conímbriga, 34, pp. 33-74.

COLMENERO, A. R. e FONTES A. L. (1980)

“El culto a los montes entre los Galaico-Romanos”, in: Actas do seminário de arqueologia do Noroeste Peninsular, Guimarães, pp. 21-37.

CORREIA, V. Hipólito (1996)

“O sítio arqueológico de Garvão e o seu depósito ritual”, in: De Ulisses a Viriato, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, pp. 101-106

IDEM (1997)

“Modelo historiográfico para a Idade do Ferro do Sul de Portugal e sua arqueologia”, in: Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 37 (3-4), Porto, SPAE, pp. 41-85-133.

DELIBES DE CASTRO, G. et alli (1995)

“Panorama arqueológico de la Edad del Hierro en el Duero Medio”, in: Arqueologia y Medio ambiente. El primer milenio a.C. em el Duero Medio, Valladolid, Junta de Castilla y León, pp 49-136.

DELIBES DE CASTRO, G., ROMERO CARNICERO, F. e RAMÍREZ RAMÍREZ, M. L. (1995)

“El poblado “celtico” de El Soto de Medinilla (Valladolid). Sondeo estratigráfico de 1989-90”, in: Arqueologia y Medio ambiente. El primer milenio a.C. em el Duero Medio, Valladolid, Junta de Castilla y León, pp. 149-177.

EIRA, P. A. da (1973)

“ O Castelo do Mau Vizinho”, in: Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 22 (3), Porto, SPAE, pp. 345-351.

ESCUADERO NAVARRO, Zoa (1995)

“Nuevos estudios sobre el poblado vacceo de “El Soto de Medinilla” (Valladolid)”, in: Arqueologia y Medio ambiente. El primer milenio a.C. em el Duero Medio, Valladolid, Junta de Castilla y León, pp. 179-217.

FONTES, A. Lourenço (1980)

“Culto ao Deus Larouco, Jupiter e Ataegina”, in: Actas do seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, vol. II, pp. 5- 20.

GAMITO, T. Júdice (1996)

“O castro de Segóvia e a componente céltica em território português”, in: De Ulisses a Viriato, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, pp. 107-111.

GARCIA, J. M. (1991)

Religiões Antigas de Portugal, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

GUERRA, A. (1993)

“Religiões e cultos”, in: História de Portugal, vol.II, Lisboa, Ediclube, pp. 111-118.

LAMBRINO, Scarlat (1954)

Les divinités orientales en Lusitanie et le Sanctuaire de Panóias”, Coimbra, Coimbra Editora.

LEMOS, F. Sande (1996)

“Povoamento, espaço e gentilitates no primeiro milénio a.C., no Nordeste transmontano”, in: De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C., Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 147-153.

MOITA, Irisalva (1971)

“Povoados, redutos e santuários castrenses (ensaio de classificação)”, II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, Junta Nacional de Educação, pp. 271-282.

MARTINS, Manuela (1996)

“Povoamento e habitat no Noroeste português durante o 1º milénio a.C.”, in: De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C., Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 1118.

PARREIRA, R. e VAZ PINTO, C. (1978)

“Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do estuário do Tejo”, in: Actas das III Jornadas Arqueológicas, vol. 1, Lisboa, AAP, pp. 145-163.

PÉRES MACÍAS (1993)

“Poblados de la Edad del Hierro en la Sierra de Huelva. Origenes y influencias en la formación de la Baeturia”, in: Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 33 (3-4), Porto, SPAE, pp.393-422.

SANTOS JUNIOR, J. R. ; FREITAS, A. M., EIRA e COSTA, A: e SANTOS JUNIOR, N. (1991)

- “Santuário do Castelo do Mau Vizinho”, Revisão Guimarães, Guimarães, pp. 368-410.
- SILVA, A.M.S.P. (1993)
“Ocupação proto-histórica e romana no Entre Douro e Vouga litoral: breve balanço de uma investigação em curso”, in: Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. 33 (3-4), Porto, SPAE, pp. 427-439.
- SILVA, A. C. Ferreira da (1986)
A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- IDEM (1996)
“A Citânia de Briteiros”, in: De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C., Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 134-135.
- IDEM (1996b)
“ A Citânia de Sanfins”, in: De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C., Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 136-138.
- TEIXEIRA, C. et alli (1967)
Carta geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 17/D Gouveia, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- TENTE, C. e MARTINS, A. C. (1994)
“Levantamento arqueológico do concelho de Gouveia, 1º fase: a necrópole medieval do Risado, o conjunto de Carreira Cova e a sepultura do Penedo dos Mouros. Notícia preliminar”, in: Trabalhos de Arqueologia da E.A.M., Lisboa, Edições Colibri, pp. 283-291.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1905)
Religiões da Lusitânia, Vol. III, Lisboa, INCN.